

REUNIÃO DE PAIS: ALGUMAS REFLEXÕES

Maria Estela Lima Silveira Framil¹, Florença de Moura Braga Daniel, Gislene Coelho Lemos Alves, Patrícia Cristiane Ribeiro de Sá, Vera Helena Rodrigues Zaitune², orientadora

¹Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, FEA, Rua Tertuliano Delphin Jr., 181
estela_framil@hotmail.com, VHZAITUNE@DIRECTNET.COM.BR

Resumo - Este trabalho teve como objetivo verificar práticas educativas democráticas dentro do ambiente escolar, de maneira a atrair os pais/responsáveis para dentro da escola, tendo como estudo a reunião escolar de pais/responsáveis. Buscamos subsídios práticos com alguns diretores de escolas da região do Vale do Paraíba, que desenvolvem um modelo de reunião de pais/responsáveis diferenciado, porque acreditam na participação ativa de todos os envolvidos no processo educacional nos moldes de uma gestão democrática. Os resultados mostraram que a prática de Reunião de Pais/Responsáveis sob a ótica de uma gestão democrática corresponde às necessidades e exigências da sociedade globalizada que estamos inseridos, possibilitando com isso, novos olhares e fazeres no entorno escolar.

Palavras-chaves: Escola, Família, Reunião de Pais/Responsáveis, Gestão democrática

Área do Conhecimento: Ciências Humanas/Educação

Introdução

O presente artigo intitula-se “Reunião de Pais: Algumas reflexões”. Esse trabalho teve como objetivo provocar reflexões acerca do tema Reunião de Pais/Responsáveis, no sentido de contribuir para a elaboração de uma nova postura e abordagem de todos os implicados com a mesma.

Focaremos a nossa observação no desempenho do gestor escolar, porque entendemos que somente por intermédio dele é que pode acontecer uma situação de Reunião de Pais/Responsáveis que corresponda à exigência atual. Isso porque acreditamos que atualmente se faz necessária uma discussão mais intensa sobre a participação efetiva dos mesmos no espaço destinado à reunião escolar. Ou seja, ela não deve e nem pode ser encarada como apenas um espaço de se ouvir ou fazer elogios e reclamações.

Nessa direção, Nosella (2001) enfatiza que os educadores necessitam se dispor a abandonar sua posição superior de que são os donos do conhecimento e que são os controladores do comportamento. Devem dialogar lado a lado com os alunos e com a comunidade em que esses vivem. A escola não se explica por ela própria e sim pela relação geral que mantém com a sociedade.

Nesse viés, a prática de Reunião de Pais/Responsáveis, de caráter democrático, colabora para a eficiência requerida no contexto atual.

Segundo Martin e Zaitune (2007), Reunião de Pais possibilita momentos de crescimento, de trocas e entrosamento das instituições envolvidas

nas relações de ensino e aprendizagem. Em todas as escolas, a reunião de pais adquire importância e valor, já que os desafios lançados à educação crescem incessantemente.

Fica notório, portanto, a necessidade e urgência da comunicação e interação das instituições envolvidas, como exigência das relações que se apresentam no quadro social, cultural, econômico e político da atualidade.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi realizada em três escolas de Ensino Fundamental que desenvolvem modelos de Reunião Democrática de Pais/Responsáveis. Sendo uma municipal, uma estadual e uma particular da rede de ensino, localizadas na região do Vale do Paraíba. Os sujeitos observados foram os diretores e/ou seus representantes.

O recurso metodológico utilizado foi a entrevista semi-estruturada, onde “o entrevistador tem uma participação ativa, podendo fazer perguntas adicionais para melhor compreender o contexto” (GRINGS E MALMANN, 1999).

Nessa linha de ação, a escolha das perguntas foi fundamental para que a entrevista pudesse ser eficaz. A escolha da entrevista por meio de questões abertas e fechadas nos permitiu maior flexibilidade no sentido de oportunizar dados relevantes e mais precisos sobre o objeto de estudo.

Três sujeitos foram entrevistados, no caso, duas diretoras e uma representante dela, ressalta-se que todas as etapas desse momento foram devidamente respeitadas, posto que submeter os

entrevistados às gravações, esbarra em questões administrativas ou subjetivas, tais como: limitações, timidez, medos, constrangimentos, compromissos escolares, dentre outros.

Resultados

A escola estadual de ensino atende cerca de 850 alunos, entre crianças e adolescentes. A comunidade do bairro em que se encontra a escola pertence à classe socialmente desfavorecida.

Quando, em 1999, assumiu a direção da escola, a diretora afirma que o objetivo, desde o início, foi tentar promover uma gestão democrática. Diante da tradição escolar que vigora, afirma que tal propósito, não foi fácil e continua sendo difícil. Um exemplo que podemos citar de gestão democrática, refere-se ao espaço destinado à Reunião de Pais/Responsáveis. Para a diretora e a instituição, essa reunião constitui-se num momento específico que as pessoas afluem, sabem que serão ouvidas e que todos estarão interessados no que têm a dizer. É uma reunião em que como pretensão todos devem ter vez e voz.

Na sua concepção e prática, a reunião de pais está atrelada ao conselho de classe e séries. São dois movimentos imbricados num só. Com a finalidade de modificar o conselho de classe e série é que se inseriram os sujeitos envolvidos diretamente no processo: pais/responsáveis e alunos, de maneira a democratizar o mesmo.

O resultado dessa prática tem sido muito valioso. Isso porque os alunos, até mesmo os pequenos, têm a oportunidade de expressar de maneira mais verdadeira o que realmente construíram. Por meio da fala do aluno tem-se conhecimento da rotina da sala de aula. A diretora discorre afirmando que existe um cuidado imenso para não expor o professor e o aluno numa situação constrangedora. O papel da direção nesse momento é o de mediar os sujeitos envolvidos.

Durante a reunião, questionam-se os principais pontos detectados, como faltas, evolução em alguma matéria, situações de indisciplina, e o que será feito para aperfeiçoar. Atualmente, a diretora costuma afirmar que, quando inicia a reunião de classe e série, constitui-se o mesmo, no melhor momento da escola, no qual ela presta contas para a comunidade acerca do trabalho desenvolvido. Sobretudo, porque implantou momentos específicos em que professores e alunos discutem os temas relacionados ao cotidiano escolar.

De acordo com a diretora, duas etapas são fundamentais para justificar os resultados obtidos até então. A primeira, com a comunidade, que precisa se apropriar da escola, ter mais presença

ativa. A segunda envolve a questão de poder, que perpassa para a construção de um diálogo mais franco. Toda essa experiência vivida pela escola e seus educadores não foi suficiente para elaborar ainda uma definição de reunião aceita por todos. A principal dificuldade enfrentada constitui-se fundamentalmente na rotatividade de professores, pois, anualmente os mesmos têm que se adaptar a essa nova realidade e concepção. Recomeça-se tudo e esse trabalho de conscientização é muito complicado, porque é constantemente interrompido e reiniciado.

Na época em que a atual diretora assumiu (1999), a escola em questão, era considerada uma escola “problema”, estava destruída física e moralmente e hoje a visão dela mudou muito perante a comunidade. Pais procuram-na, para matricular os filhos. O conselho participativo também colaborou para que esta instituição escolar adquirisse a sua identidade.

A escola particular de ensino atende cerca de 360 alunos, da Educação Infantil até o Ensino Fundamental, dos quais, a maioria pertence à famílias de classe média.

A metodologia da escola fundamenta-se em alguns princípios, tendo como objetivos essenciais: desenvolver a formação de seus alunos com valores pautados na ética, na justiça, na competência e, acima de tudo, na vivência cristã.

Em 2002, com a chegada da diretora observada, diversas mudanças ocorreram, no sentido de construir um ambiente democrático, visando sempre a qualidade de vida da comunidade. Desde então, desenvolveu-se um trabalho significativo, no sentido de promover a parceria entre as instituições família e escola. Para ela, a escola deve ser um espaço de convívio, de entrada do pai, não um lugar que ele deposita o filho e se retira imediatamente. E os pais ou responsáveis, raramente entram nela e, isso a incomodava muito.

Buscando ressignificar a dinâmica escolar, a primeira atitude da diretora foi, literalmente, abrir o portão da escola, para que o pai entrasse nela. Outra atitude relevante constituiu-se em ouvir, dialogar com os funcionários, professores, alunos, pais ou responsáveis, com o intuito de saber qual era a visão deles sobre a escola. No caso: o que poderia ser melhorado, ou então: como seria a escola ideal?

Para a Diretora, as regras e decisões, não podem estar ligadas somente ao gestor, envolve um trabalho de equipe. O gestor tem sua importância, mas essa idéia tem que ser articulada e movimentada, com todos os profissionais que se encontram na escola, senão, todos executam as tarefas, porque são mandados.

O momento da Reunião de Pais/Responsáveis foi todo ressignificado, por intermédio desse novo

olhar e concepção pedagógico e educacional. A diretora afirma que, desde então, as reuniões não têm um modelo formatado, todas são diferentes, porque as mesmas, vão ao encontro de uma necessidade vigente. Por exemplo, a Reunião de Pais/Responsáveis, deve ser um momento de aproximação, no qual todos participam para discutir sobre o processo de ensino aprendizagem, levantar dúvidas, fazer perguntas, refletir sobre temas e assuntos pertinentes do dia a dia da comunidade, enfim, as trocas são essenciais. Assim sendo, pais/responsáveis e professores têm a oportunidade de falar e ouvir sobre o processo de construção do conhecimento de seus filhos/alunos num movimento de troca constante.

Essa atitude, caracteriza-se como democrática, não no sentido, de cada um fazer o que quer, mas de considerar as partes, nessa perspectiva, de que se pode fazer da Reunião de Pais/Responsáveis, um momento de se aprender, o que é importantíssimo.

A escola municipal, de acordo com a representante da diretora, foi criada para atender um público advindo de um processo de desfavelização no ano de 2003. As famílias ali assentadas residiam em favelas da cidade. Diante disso, o objetivo da Prefeitura, foi a construção de unidades habitacionais adequadas, com provisão de infra-estrutura e acessibilidade a serviços e equipamentos públicos, ou seja, à preservação da cidadania. Para as famílias, essa ação resultou na gradativa redução dos processos de exclusão social relacionados à saúde, educação, assistência social e habitação.

No início, quando na abertura da escola, a violência no bairro, era muito grande, todos se encontravam revoltados, principalmente uma das comunidades, que se sentia prejudicada por ter sido retirada de um local próximo ao centro e inserida num local de difícil acesso já que o transporte coletivo não chegava até o bairro. Sentiam-se injustiçados, pois a maioria trabalhava com reciclados e a distância dificultava o trabalho que exerciam. Foi uma época de muito conflito, e muito descontentamento.

Todo esse conflito e revolta se refletiam na escola e administrar esses problemas que faziam parte do cotidiano escolar foi muito penoso.

Diante da situação que se agravava, começou-se a estudar um projeto especial para essa escola, que se adequasse à comunidade.

De acordo com a representante da diretora, para que desse certo foi necessário conhecer a comunidade. Para isso, buscou-se o diálogo, a princípio com as lideranças e por meio desses líderes comunitários, aos poucos, os pais ou responsáveis foram trazidos para dentro da escola.

O modelo de Reunião de Pais/Responsáveis desenvolvido nessa instituição, partiu da premissa de que o diálogo é o caminho mais correto para se conseguir bons resultados. A data da reunião é comunicada aos pais/responsáveis em sua residência, por meio de um bilhete, entregue e lido pelo funcionário da escola. O pai/responsável, após ser notificado do conteúdo do mesmo, deixa sua rubrica num livro da escola, para que a diretora tenha a certeza de que todos foram avisados.

Os relatos informam que a reunião é composta pela equipe gestora, professores, pais/responsáveis e um grupo de cinco alunos que representam o corpo discente. Todo e qualquer assunto é discutido nessa reunião, desde uma simples lâmpada que precisa ser trocada até aprovação de projetos educativos. Todos são ouvidos e dão os seus pareceres nos assuntos que são encaminhados para a reunião. No final dela, todos assinam, e o que foi acordado, é encaminhado para ser resolvido e os projetos aprovados são encaminhados para a execução.

O seguimento dos dados recolhidos sinalizou que diante do projeto adotado entende-se que, a questão do ensino aprendizagem, é consequência de uma adequação social que o educando recebe mediante o trabalho que é desenvolvido com ele, a família e a comunidade. A prática que foi se instituindo na unidade escolar estudada nos mostra que o pensar coletivo foi extremamente positivo, portanto, o diferencial eficaz para se efetivar práticas educativas eficazes.

De acordo com a representante da diretora, a reunião de pais ainda não atinge o propósito desejável. Pois os pais/responsáveis dessa instituição, sendo em sua maioria pessoas simples, sem muita instrução, sentem-se despreparados para verbalizarem sobre o que realmente entendem e desejam da escola.

Os esforços para novas conquistas se estendem, com isso, os pais estão se aproximando lentamente. Nas festas da escola e na mostra cultural, percebe-se um número bem maior dos mesmos. Nota-se, que eles confiam na escola. Demonstrou-se que atualmente a escola tornou-se um ponto de referência no bairro. Ganhou pertencimento, estima e cuidados. Tudo o que se conquistou é fruto de trabalho, dedicação e diálogos incessantes com a comunidade.

Discussão

Cada escola como vimos, possui uma particularidade histórica e social que a torna única, que a distingue das demais. Nesse caminho, trouxemos exemplos de diretoras também com características diferentes, perfiladas com a realidade que atuam.

Frente ao resultado das entrevistas, percebemos a coincidência de pontos relevantes na prática das diretoras observadas, como a disponibilidade interna e externa para a concessão de um espaço regido para uma gestão democrática.

Disponibilidade essa, verificada no momento específico que as pessoas são ouvidas, no qual todos os participantes se interessam pelo que é exposto. Ou seja, todos têm vez e voz!

Sobre os olhares e fazeres das diretoras acerca do primeiro ponto, Toro (2004, p.30) afirma que, *“quanto mais participativo tiver sido o processo da elaboração de um projeto democrático, mais essas escolhas refletem a vontade de todos e serão por todos compartilhados. A participação é uma aprendizagem. Se conseguirmos nos entender, decidir e agir para alcançar alguma coisa... Aprendemos a conversar, a decidir e agir coletivamente”*; Ou seja, dispositivos característicos de uma gestão democrática, na qual, o conceito de poder significa compartilhar, ouvir, realizar, transformar, reconhecer, voltar atrás e prosseguir, dentre outras ações.

Outro ponto relevante a ser destacado diz respeito ao sentido de pertencimento reduzido à comunidade escolar, que segundo as diretoras os pais transitam muito pouco no espaço que lhes é concedido. A idéia de apropriação da escola ainda é pouco percebida.

Segundo Toro (2004, p.31), *“a escola pública é a escola de todos e não a escola do governo; os espaços públicos são espaços de todos e não espaços do governo e assim por diante. O resultado da confusão que fazemos é ficarmos esperando que o governo cuide do que nós, coletivamente, deveríamos cuidar. Encaramos coisas e atitudes como dádivas e favores do governo, não como coisas públicas, conquista e direito da sociedade”*.

Outro ponto que não podemos deixar de discutir é o espaço dedicado à Reunião de Pais/Responsáveis, momento mais significativo para as diretoras, em que vêem concretizada a integração de todos os sujeitos que compõem a unidade escolar.

Segundo Gadotti (2005, p.35), *“nossa tarefa de educador consiste justamente em tornar esse espaço livre, reduzido pela dominação, espaço dominante: fazer com que a liberdade triunfe sobre a dominação. Por aí percebe-se que o trabalho do educador não é apenas ensinar ou transmitir conhecimentos, nem fechar-se em seu trabalho puramente “educativo”. Se ele deve lutar por esse espaço de liberdade, sua luta deve ser prosseguida além da sala de aula, fora da escola”*.

Constatamos com entusiasmo e esperança, a modificação da idéia de pertencimento, reduzida dentro da instituição escolar, transformadora e ampliada, angariando os seus sujeitos para ela. Por isso, julgamos necessário caracterizar esse

visível sucesso como outro ponto comum nas experiências das diretoras.

Notadamente, entendemos que foi uma experiência muito expressiva, quando se percebeu que o diálogo foi uma maneira de criar vínculos entre todos os envolvidos. A quebra da centralização de poder inquestionavelmente promove relações mais humanas, que extrapolam o cotidiano da escola e, às vezes até o ambiente escolar.

Conclusão

Concluindo, compreendemos que ensinar, no sentido de dirigir uma instituição em moldes democráticos, exige competência profissional, generosidade, comprometimento, intervenção no universo trabalhado, saber escutar, revestir-se de alegria, esperança, curiosidade, inquietação, apreensão da realidade, amor aos educandos e corpo docente. Sobretudo, a disponibilidade para o diálogo e a consciência límpida da infinitude que abarca e suscita a educação.

No caso das escolas abordadas no nosso trabalho, verificamos a possibilidade concreta da implantação de um modelo de Reunião Democrática de Pais/Responsáveis. Nelas, criou-se um espaço de escuta sensível e responsável e de diálogo para as necessidades de cada uma delas. Conceitos foram repensados, mudanças vitais concretizadas e a presença da comunidade nas decisões da escola, atestaram um ganho extraordinário.

Finalizamos, convidando os colegas educadores a investigarem outros caminhos, abordagens e possibilidades na temática do nosso trabalho. Há espaços e sujeitos disponíveis a esses questionamentos sempre no sentido de conferir autonomia a um número cada vez maior de alunos – cidadãos que buscam na educação novas formas de conhecimento e justiça social.

Referências

- GADOTTI, M. **Educação e poder**: introdução a pedagogia do conflito. 14 ed. São Paulo: Cortez. (2005)
- MARTIN, M. W. L.; ZAITUNE, V. H. R. **Reunião de Pais**: olhares e fazeres. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 11; São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2007.
- NOSELLA, P. **Qual compromisso político?**: ensaios sobre a educação brasileira pós-ditadura, Bragança Paulista: Universidade São Francisco (Estudos CDPAH série História e Ciências Sociais), 2002